# Substituição de nomes: um problema para a teoria referencialista do significado - 17/01/2023

\_Trata de dois enigmas que a teoria referencialista do significado para nomes  
deve responder: o puzzle de Frege e o paradoxo da substitutividade\*\*[i]\*\*\_  
  
Tomemos as frases 1.) “Héspero é Héspero” e 2.) “Héspero é Eósforo”, que  
tratam de Héspero, a estrela da tarde e de Eósforo a estrela da manhã.  
Entretanto, como já vimos algumas vezes neste espaço, as duas frases são  
correferenciais, isto é, se referem a Vênus. Pelo princípio da  
composicionalidade, também já visto, o significado de uma frase depende de sua  
estrutura e do significado de cada parte. Se aplicado às duas asserções  
iniciais, vemos que elas possuem a mesma estrutura, já que são afirmações de  
identidade e têm por significado de cada parte um nome, que é seu referente.  
  
Para o referencialista, então, Héspero e Eósforo se referem a Vênus e têm o  
mesmo significado. Porém, notou Frege, há uma diferença entre as asserções de  
identidade: a primeira é trivial, mas a segunda é informacional, ou seja, a  
segunda informa algo novo[ii]. Mas, como o referencialista poderia explicar  
que as duas sentenças têm o mesmo significado, mas somente a segunda é  
informativa?  
  
Tomemos outro par de afirmações de identidade proposto por Sagid: 3.) “Anitta  
é Anitta” e 4.) “Anitta é Larissa de Macedo Machado”. Do mesmo modo, são  
expressões correferenciais e, portanto, para o referencialista significam a  
mesma coisa, mas, como explicar a diferença de informatividade? É aí que entra  
a solução fregeana: a questão só pode ser explicada se o significado do nome  
próprio for diferente do referente do nome próprio, então, os pares 1.) - 2.)  
e 3.) - 4.) não significam a mesma coisa, apesar do mesmo referente.  
  
Para Frege, o significado é o modo de apresentação do referente e cada  
significado apresenta o referente de um certo modo. Em 1.), por exemplo, o  
objeto é apresentado da mesma forma duas vezes, já em 2.), o objeto é  
apresentado de dois modos diferentes. O significado ou modo de apresentação do  
referente é o sentido e é ele que determina o referente, embora ele possa  
falhar, quando uma asserção tenha sentido, mas não referente, como é o caso de  
Papai Noel e Vulcano[iii].  
  
A abordagem de Frege trata o sentido da expressão como algo que é  
compreendido. Quanto entendemos algo, entendemos o seu significado. Esse  
significado é objetivo e, já que compreendido por muitas pessoas, é  
intersubjetivo e entendido mesmo quando não há referência. Todavia, Frege não  
deixa clado o que é o sentido, apesar de tê-lo caracterizado como um modo de  
apresentação do referente, como sendo aquele que determina ou aponta o  
referente, e que permite haver diferentes sentidos para o mesmo referente ou  
apontar para nenhum referente, de ser compreendido porque entendemos e de ser  
compreendido por todos. Sagid cita crítica de Evans a essa falta de clareza,  
inclusive certa incongruência ao tratar o sentido como aquele que apresenta o  
referente, mas ao mesmo tempo em que possa não haver referente. Não fica claro  
como o sentido determina ou seleciona o referente, embora Sagid deixe indicado  
que a teoria descritivista irá clarificar a ideia de sentido.  
  
Sagid também mostra que, para Frege, a distinção entre sentido e referente  
vale para toda expressão linguística, não somente para o caso dos nomes  
próprios que estamos tratando. Logo, o sentido de uma frase é o pensamento  
expresso por ela, algo objetivo e que é entendido por nós. Além do mais, e o  
que soa estranho, uma frase completa pode ter um referente, que é o seu valor  
de verdade, seja ele verdadeiro ou falso. Segundo Sagid, Wittgenstein, no  
Tractatus, teria mostrado que o referente da frase é o fato, mas esse ponto  
poderá ser melhor clarificado pela teoria proposicional do significado.  
  
Conclui-se, para o puzzle de Frege, que, se asserções de identidade têm o  
mesmo significado para o referencialista, ele não consegue explicar porque  
algumas são informativas. Consequentemente, ele faz a distinção entre o  
sentido e a referência que elucida esse ponto e mesmo os das existenciais  
negativas, embora não tendo sido suficiente claro sobre qual mecanismo o  
sentido opera.  
  
\_Enigma da substitutividade\*\*[iv]\*\*\_  
  
Se o enigma de Frege soluciona casos da substituição de um nome próprio por  
outro, correferencial e que deixa o referencialista em apuros, ele permite  
concluir que a substituição, nesse caso, altera o significado da frase, mas  
não altera seu valor de verdade nas afirmações de identidade (“Anitta é  
Anitta” e “Anitta é Larissa...” têm o mesmo valor de verdade). Porém, em  
certos contextos, a substituição de um nome por outro pode alterar o seu valor  
de verdade, invalidando o princípio da substitutividade que deveria ser aceito  
pelo referencialista.  
  
O princípio da substitutividade é citado por Sagid como: “A substituição de um  
nome próprio por outro nome próprio que seja correferencial não altera o valor  
de verdade da frase”[v]. Vejamos, as sentenças 5.) “Maria acredita que Anitta  
é Anitta” e 6.) “Maria acredita que Anitta é Larissa de Macedo Machado” tem o  
mesmo valor de verdade? Ora, em 5.) todos acreditam, mas em 6.) pode haver o  
caso em que muitos não saibam do fato ou mesmo o rejeitem. Por isso, 5.) seria  
verdadeiro e 6.) falso.  
  
Do mesmo modo, poderíamos ter que, para o astrônomo João, lá na Grécia Antiga,  
7.) “João deseja saber se Héspero é Héspero” e 8.) “João deseja saber se  
Héspero é Eósforo”. As duas asserções claramente violam o princípio da  
substitutividade já que claramente João sabe 7.), mas não sabe 8.).  
  
Não obstante, Sagid explica que esses casos estão relacionados a certos  
contextos onde são usados conceitos de crença, conhecimento, desejo. São  
atitudes proposicionais da forma “Fulano acredita que”, “Beltrano sabe que”,  
etc. Uma proposição, como se sabe, é o significado de uma frase, e as atitudes  
proposicionais são aquelas relacionadas a uma proposição. Assim dizendo, para  
a proposição “A neve é branca” podemos acreditar, duvidar ou rejeitar. Segue-  
se que o princípio da substitutividade falha em alguns contextos ditos opacos.  
  
Um \_contexto referencialmente transparente\_ é aquele em que a substituição de  
um nome próprio por outro nome próprio não altera o valor de verdade da  
proposição, já um \_contexto referencialmente opaco\_ é aquele contexto em que a  
substituição correferencial muda o valor de verdade. Tem-se que o  
referencialista não explica porque o princípio da substitutividade falha nos  
contextos referencialmente opacos.  
  
Por fim, Sagid acena para a continuidade das aulas, dizendo que a teoria  
descritivista explica os três enigmas, a saber, ela da conta de explicar o  
significado de nomes vazios (sem referente), explicar o significado de  
afirmações de identidade e explicar a opacidade referencial. Além do que ela  
tornará mais clara a ideia de sentido usada por Frege para distinguir entre o  
significado e o referente, mas isso são cenas dos próximos capítulos.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Recortes das aulas 9 e 10, links:  
<https://www.youtube.com/watch?v=vs6h1RPf6yQ> e  
<https://www.youtube.com/watch?v=\_f\_y78jeSEE> CURSO IF, filosofia da linguagem  
do professor Sagid Salles.  
  
[ii] Em outros termos (kantianos), a primeira é analítica e a segunda é  
sintética, conforme Sagid.  
  
[iii] Ver texto: <https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2023/01/np-pn.html>.  
A solução fregeana também resolve esse caso, sem a necessidade de se recorrer  
a Meinong ou ao faz de conta.  
  
[iv] Aqui entra a aula 10.  
  
[v] Citação para nomes próprios, mas valeria para termos singulares e etc.